

Cartas ao general

Delírio e política em correspondências ao presidente Geisel

Letters to the general: delirium and politics in correspondence to President Geisel / Cartas al general: el delirio y la política en correspondencia al presidente Geisel

Felipe Cittolin Abal

Doutor em História pela Universidade de Passo Fundo (UPF). Professor do Programa de Pós-Graduação em História da UPF, Brasil.
felipe.c.abal@hotmail.com

RESUMO

O artigo analisa correspondências enviadas ao presidente Geisel durante a ditadura militar e arquivadas no fundo Gabinete Pessoal do Presidente da República, do Arquivo Nacional. Nessas cartas é possível verificar a presença de delírios por parte dos remetentes, portanto busca-se traçar um paralelo entre os delírios e o momento político, econômico e social da época em que as correspondências foram redigidas.

Palavras-chave: cartas; delírios; ditadura militar; política.

ABSTRACT

The article analyzes correspondence sent to President Geisel during the military dictatorship and filed in the Personal Cabinet of the President of the Republic Fund, in Arquivo Nacional (Brazilian National Archives). In these letters, it is possible to verify the presence of delusions on the part of the senders; therefore, I seek to draw a parallel between the delusions and the political, economic and social context when the correspondence was written.

Keywords: letters; delusions; military dictatorship; politics.

RESUMEN

El artículo analiza la correspondencia enviada al presidente Geisel durante la dictadura militar y archivada en el fondo del Gabinete Personal del Presidente de la República, del Arquivo Nacional (Archivos Nacionales de Brasil). En estas cartas es posible verificar la presencia de delirios por parte de los remitentes, y se busca establecer un paralelismo entre los delirios y el momento político, económico y social de cuando la correspondencia fue escrita.

Palabras clave: cartas; delirios; dictadura militar; política.

Considerações iniciais

*Se o homem que se acredita rei é louco,
não o é menos um rei que se acredita rei.*

Jacques Lacan (1998, p. 171)

Fazer uma leitura política a respeito da loucura, ou daqueles considerados loucos em uma determinada época, não é novidade. Laure Murat em *O homem que se achava Napoleão: por uma história política da loucura* (2012) lançou desafios ao estudo dos historiadores no que diz respeito à loucura e ao delírio. A obra de Murat parte de questionamentos extremamente relevantes:

Que impacto os acontecimentos históricos têm sobre a loucura? Em que medida e sob que formas a política é matéria de delírio? Pode-se avaliar o papel de uma revolução ou de uma mudança de regime na evolução do discurso da desrazão? Que inquietações políticas e sociais os delírios trazem dentro deles? (p. 19)

O discurso e as práticas relativas aos loucos e à loucura, em momentos-chave da história francesa (anos de 1793, 1830 e 1848), se interlaçam ao político nos documentos estudados pela historiadora, sendo possível afirmar que “a história não produz os sintomas da loucura, mas a loucura latente se desenvolve em função dos acidentes da história” (Murat, 2012, p. 224).

Foi a partir das linhas traçadas nessa obra e em outras que chegamos ao corpus documental que será utilizado e nas possibilidades de pesquisa trazidas neste artigo. O Sistema de Informações do Arquivo Nacional possui diversos fundos e coleções das mais variadas épocas, entre eles, dois fundos do Gabinete Pessoal do Presidente da República, onde é possível encontrar uma miríade de correspondências enviadas a presidentes, dentre as quais foram selecionadas aquelas enviadas ao presidente Ernesto Geisel, em virtude da quantidade de documentação e por se tratar de um chefe do Executivo durante o período da ditadura militar.¹

Escolher um presidente do período da ditadura militar cumpre o propósito de verificar uma hipótese inicial que surgiu quando da pesquisa documental. É certo que a história política brasileira passou por diversos momentos de ruptura institucional, no entanto, verificando a história recente, o período ditatorial militar possuiria a possibilidade de fazer refletir, nos delírios da época, as suas

1 Utilizamos a expressão “ditadura militar”, seguindo o defendido por Carlos Fico (2017).

características, como a falta de liberdade, os discursos em torno do perigo comunista e a própria crise econômica coincidindo com o fim do “milagre econômico”.

A partir disso, nos fixamos no período de governo de Geisel (1974-1979), encontrando nas correspondências grupos já divididos, como “elogios”, em que pessoas comuns e políticos congratulavam o general, “eletrodomésticos”, no qual constam cartas com pedidos de televisores, rádios etc., entre outros. Um grupo se destacou, denominado de “excêntricos” ou, por vezes, “obscuros”. Nessas correspondências, em sua maioria escritas à mão, constavam desde pedidos esdrúxulos, como cargos públicos, postos em polícias estaduais e federais e vagas em universidades, até invenções milagrosas e pedidos de ajuda feitos por pessoas que se diziam perseguidas por grupos misteriosos.

Foi realizada a leitura preliminar de vinte pastas contendo correspondências desse grupo, cada uma contando com, pelo menos, duas centenas de páginas. Nesse momento inicial, já foi possível perceber a existência de cartas cujo conteúdo expressava de maneira clara um delírio por parte do remetente, entendendo-se por delírio todo tipo de compreensão falsa da realidade, englobando os delírios de perseguição e grandeza. Em virtude da quantidade de documentos, foi feita uma segunda leitura, e foram separadas as principais cartas para análise, tendo por critério para essa seleção a presença indubitável de alguma forma de delírio.

A finalidade deste artigo, portanto, é verificar de que maneira o momento histórico-político vivido pelo país à época pode ter impactado os delírios percebidos nas cartas² enviadas ao presidente, especialmente no conteúdo desses delírios. Por certo não se trata de diagnosticar os remetentes, simplesmente nos ateremos a determinados conceitos psicanalíticos para realizar uma divisão nas cartas analisadas em relação ao seu teor. Assim, não pretendemos taxar os remetentes de “loucos”, uma vez que até mesmo esse conceito se perde e se transforma na história das doenças mentais. Além disso, o delírio, por si só, não leva à caracterização de uma psicose, já que é possível verificar delírios em neuróticos, por exemplo, sem a quebra da realidade. A utilização da nosografia e de termos psicanalíticos, especialmente a partir de Freud, servirá para uma melhor estruturação do artigo, destacando-se, ainda, que não pretendemos realizar uma exposição exaustiva e alongada a respeito dessas noções.

Realizada essa apresentação inicial acerca da documentação utilizada, objetivos e hipóteses iniciais, partiremos à análise das correspondências,

² Nota do editor: nas citações de cartas, foi mantida a grafia original, considerada importante para a análise realizada pelo autor.

destacando, ainda, que as citações diretas utilizam a grafia constante nas cartas, e que só utilizaremos o primeiro nome do remetente para não gerar exposição desnecessária.

Delírios persecutórios

Em 27 de dezembro de 1975, Manuel remete desde Salvador à Presidência da República uma carta que é recebida quase dois meses depois, em 24 de fevereiro de 1976:

Exmo. Senhor Presidente, venho por meio desta solicitar de V. Excia. que se digne tomar providências urgentes, junto a base aérea, serviço secreto e a polícia federal aqui em Salvador. Pois ocorre que eu sou controlado eletronicamente e dentro de mim tem ao que parece alguma coisa em sintonia com outra que talvez esteja no espaço – satélite espião – que não para de falar direto para minha cabeça e desde o ano de 1971 não teve um dia sequer que eu não fosse torturado, física, mental, psicologicamente etc. etc. – o negócio é espionagem moderníssima.³

O delírio de Manuel aparece claramente desde o início de sua correspondência. Satélites e instrumentos de espionagem moderna seriam utilizados para alguém se comunicar com ele, causando imenso sofrimento. Na psicanálise, o tema da paranoia foi abordado por Freud em diversas de suas obras, mas teve destaque em *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia*, de 1911, mais conhecido como “Caso Schreber” (Freud, 1996a). A paranoia, para Freud, estaria ao lado da esquizofrenia⁴ e da melancolia no conjunto das psicoses, podendo-se caracterizar psicose como “a reconstrução de uma realidade alucinatória na qual o sujeito fica unicamente voltado para si mesmo, numa situação sexual autoerótica: toma literalmente o próprio corpo (ou parte dele) como objeto de amor (sem alteridade possível)” (Roudinesco, 1998, p. 622).

Essa reconstrução da realidade citada pode tomar forma de delírios como, por exemplo, o delírio de perseguição, a erotomania, os delírios de ciúme e a megalomania. Obviamente que existem diferenças entre a esquizofrenia e a paranoia em uma visão psicanalítica, no entanto, para fins deste artigo, não

³ Arquivo Nacional. Fundo Gabinete Pessoal do Presidente da Republica. Rio de Janeiro. Disponível em: sian.an.gov.br. Acesso em: 20 abr. 2020. Todas as cartas presentes neste artigo foram encontradas nesse fundo e acessadas nessa data.

⁴ Freud não utilizava o termo esquizofrenia, cunhado por Eugen Bleuler, no entanto, devido à popularização do termo, optamos por usá-lo.

interessa diagnosticar o remetente, mas apenas analisar seus delírios, motivo pelo qual nos atemos a eles.

Nesse primeiro conjunto de correspondências, podemos ver uma preponderância de delírios de perseguição, ou seja, aqueles em que o tema do delírio gira em torno de se estar sendo vítima de uma conspiração, espionagem, assédio, comentários maldosos, ou sentimento de ser impedido, por outras pessoas, na busca de seus objetivos (DSM-5, 2014, p. 90). Traçando um breve parêntese, estamos cientes do conflito existente na utilização do *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais* juntamente a noções psicanalíticas. O uso do referido manual restringe-se apenas a uma conceituação mais fácil dos delírios encontrados, descartando-se outras utilizações.

Voltando à carta de Manuel, ele relata ouvir vozes que “ainda dizem direto na minha cabeça que eu nasci rico porque nasci no Brasil mas, de nada adianta, dizem que eu moro no lixo, numa pocilga etc. etc. me mandam perguntar se quem é agente secreto, militar etc. passa o que eu passo?”. Nesse momento já podemos ver como o cenário político nacional, bem como a questão econômica, impacta a formação do delírio.

Manuel seria controlado eletronicamente e vivia, segundo escreveu, em uma condição de miséria. Como viviam à época os “agentes secretos”, militares e outros agentes do Estado? Certamente melhor do que Manuel, que logo na sequência pede ao presidente uma casa própria e uma pensão, primeiramente justificando que “quem me controla não me deixa trabalhar” e, ao fim da carta, pelo fato de ser “agente secreto involuntário não remunerado”, que vivia “como um comunista em um campo de concentração nazista”.

Envolver no delírio de perseguição um fator militar ou policial certamente não é uma exclusividade de pessoas que vivem em países não democráticos, no entanto, não acreditamos ser exagerado inferir que é possível verificar elementos no delírio de Manuel que refletem o momento histórico do Brasil em 1975. De um lado, Geisel havia assumido a presidência afirmando que não deixaria o AI-5 de lado, ou seja, manteria uma política de repressão, repressão esta que era operacionalizada pelo aparelho militar e policial. De outro, na véspera de Natal de 1975, ou seja, três dias antes da carta de Manuel, o presidente havia falado abertamente em rede nacional a respeito da crise econômica vivida, e que afetava severamente os brasileiros, tanto que a pobreza, a necessidade de ajuda para sobreviver e o baixo valor das pensões recebidas por aposentados e pessoas sem condições de trabalhar foram questões abordadas em diversos momentos nas cartas enviadas ao presidente.

Manuel continuou a remeter cartas ao presidente. Na última localizada, de 15 de dezembro de 1977, o remetente inicia afirmando que “foi sob o controle

eletrônico remoto da – CIA – Agência Central de Inteligência que eu denominei V. Ex. de lindíssimo”, referindo-se a uma correspondência anteriormente enviada. Na sequência, o seu delírio de perseguição continua, mas, ao contrário da sua primeira carta, o alvo do delírio já está firmemente estabelecido, a culpa de seu estado é da CIA que, segundo ele, o controla há 31 anos. Apesar de citar novamente a questão de sua pensão, esse ponto é perpassado rapidamente, enquanto outro é abordado: “Espero contar com Vossa ajuda neste sentido pois até namorada eu nunca tive e a CIA me proibiu de ter etc. etc. etc.”.

É possível perceber, até mesmo diante da manutenção das correspondências com o presidente, uma predominância do delírio no remetente, bem como um desenvolvimento desse delírio, que passa a ter um alvo mais claro e também se espalha por outros âmbitos de sua vida, agora não mais somente o econômico, como também o amoroso.

A citada possibilidade de influência do momento político nos delírios de perseguição pode ser vista também na carta enviada por Elsa, residente no Rio de Janeiro, ao presidente Geisel, postada em junho de 1975. A correspondência se inicia com um pedido para que o presidente mande as autoridades enviarem policiais à paisana para um endereço citado, e na sequência coloca seus motivos:

Explico-me: o dentista ALCEBÍADES [omitimos o sobrenome], sua mulher ZÉLIA e um filho do casal, chamado MÁRIO impedem-me de ter sossego durante todo o dia e à noite (pois não dormem) dizendo-se, abertamente, traficantes de entorpecentes. [...]

O rapaz é o pior: comunista confesso, integrou os movimentos grevistas de 1968, sendo, por isso mesmo, preso pelo Dops. Havendo ido ao Uruguai aí de lá trouxe certas máquinas (três), através das quais lêem meus pensamentos, ouço e sou ouvida, desvendam as minhas menores autoridades, dão-me ordens e sugestões, falam pornografias, palavras de baixo calão, usam a mais baixa linguagem, dizem coisas horríveis sobre sexualidade e, pior que isso, o rapaz não me deixa dormir, provocando-me sonhos eróticos, reações sensoriais, coceiras, sacudidelas [...].

Elsa finaliza reiterando seu pedido de ajuda e informando que remeteu carta de igual teor ao governador do Rio de Janeiro. Primeiramente, fica claro o delírio persecutório diante da exposição da remetente. Seu sossego é afetado pelos seus perseguidores, que a ouvem e falam com ela através de máquinas trazidas do Uruguai. O ponto que chama a atenção, porém, é a qualificação dada aos seus algozes: traficantes de entorpecentes e comunistas, sendo feito, inclusive, o delineamento de uma história que parte da fuga do filho para o Uruguai até seu retorno com as máquinas utilizadas para sua tortura.

Novamente, parece não ser por acaso que o alvo de seu delírio sejam traficantes e comunistas. Desde 1973, a questão das drogas no Brasil era amplamente debatida, resultando na instauração de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) após a morte de duas crianças em crimes relacionados ao tráfico. Dessa CPI resultou um projeto de lei cujo teor acabou sendo, em parte, incorporado à lei 6.368 de 1976, sancionada por Geisel, que tratava sobre tráfico ilícito e uso de entorpecentes (Garcia; Leal; Abreu, 2008). Outras ações relativas ao tráfico de drogas também foram tomadas durante o período ditatorial militar, porém o ponto que queremos destacar é que a figura do traficante era vista com extrema negatividade e, portanto, um alvo perfeito para a delirante.

Da mesma forma, não é novidade dizer que a figura do comunista também se tratava de um ótimo objeto para ser o vilão na fantasia. Desde antes da ditadura militar existiam narrativas detratando os comunistas, construindo uma imagem de pessoas violentas, destrutivas e contrárias aos valores familiares, religiosos e morais. O imaginário anticomunista (Motta, 2002) aparece claramente nesse momento.

Parece haver uma razão na desrazão no momento em que, na história formada por Elsa, esse comunista é o responsável por causar nela sonhos eróticos e pensamentos impuros. Mesmo atualmente é possível perceber em determinados discursos a ligação do comunismo com certos comportamentos ou práticas sexuais que revelam, em parte, desejos do narrador. Os inimigos do governo acabam, dentro do delírio, sendo os agentes que praticam as perseguições.

Na mesma linha em que os inimigos do governo se identificam com os perseguidores pessoais, podemos citar o caso de Wilson, também residente no Rio de Janeiro, que, em julho de 1975, pediu ajuda para o presidente, dizendo que buscou alternativas, mas não obteve solução para seu problema:

eu estava internado no sanatório de São Jacques em Jacarepaguá em 1970, em tratamento do pulmão, a firma que eu trabalho e o M.D.B., nesta data junto com o Dr. Chagas Freitas, colocaram em meus órgãos três aparelhos um nos olhos e um na carótida e um em cada ouvido que faz o movimento de audição direta dia e noite, por todas pessoas que passam, em qualquer lugar que eu esteja e torturam todos os órgãos [...].

Durante toda sua comunicação, de forma bastante confusa, Wilson cita o nome de várias pessoas com quem tentou contato para auxiliá-lo, bem como daqueles que ele crê fazerem parte do “movimento” (uma alusão ao Movimento

Democrático Brasileiro, MDB) e compactuar com as torturas que sente. Chega a escrever, por exemplo, que se deslocou até o Rio Grande do Sul para “encontrar MDB e a Tânia”, aponta diversas pessoas e empresas de forma individualizada e, de modo genérico, “alguns cidadãos que foram reeleitos e estão no movimento MDB”, dizendo que “responsabilizo todas essas pessoas que estão nessa carta e nas outras que mandei e não tive solução até hoje e a minha família de me matarem ou botarem maluco com estes aparelhos”. Wilson continua, ainda, por mais uma página e meia citando nomes de pessoas e empresas envolvidas em sua perseguição.

Podemos perceber que, inicialmente, Wilson nomeia como responsáveis pelo implante de aparelhos em seus órgãos o seu empregador, o MDB e Chagas Freitas, que, em 1970, havia sido governador do estado da Guanabara e principal líder do partido. Em julho de 1975, o estado da Guanabara deixou de existir e, consequentemente, Chagas Freitas já não estava mais no cargo, inclusive tendo deixado o partido após vários conflitos com outros membros (Cpdoc, s.d.).

Apesar de o remetente colocar, dentre os seus perseguidores, militares e policiais, esses se tratam provavelmente de pessoas que foram procuradas por ele para resolver seus problemas e nada fizeram, tornando-se, portanto, cúmplices de seus torturadores. As principais fontes de seu sofrimento são o movimento (MDB) e Chagas Freitas, um dos símbolos do partido no Rio de Janeiro. Sendo o MDB a oposição ao partido de sustentação do governo, a Aliança Renovadora Nacional (Arena), ele era naturalmente um inimigo do presidente e, consequentemente, o inimigo presente nos delírios de Wilson. Como afirmou Freud: “O paranoico percebe o mundo externo e leva em consideração quaisquer alterações que nele possam acontecer, e o efeito que aquele lhe causa estimula-o a inventar teorias explanatórias” (Freud, 1996, p. 82).

Para não estender demais esse primeiro momento, partiremos para uma questão final no que diz respeito aos delírios de perseguição. Além dos delírios construídos ao redor de algo que envolvia o momento político da época, foi possível perceber outros que giravam em torno do panorama cultural e, especialmente, de uma figura conhecida da televisão: Silvio Santos.

O apresentador era figura de destaque na televisão brasileira, transmitindo seu programa desde 1976 na Rede Tupi e, de forma concomitante, na TVS, concessão outorgada por Geisel em outubro de 1975, pelo decreto n. 76.488. Sendo figura conhecida no meio popular, acabou também aparecendo nos delírios apresentados nas cartas enviadas a Geisel, como mostram os exemplos seguintes, iniciando-se por Rita, residente em Farroupilha (RS), que em sua correspondência de outubro de 1977 expunha o seguinte:

Estimado Presidente

Eu venho lhe pedir uma coisa muito séria, eu sei que não parece, mas eu lhe peço por favor, com a mesma natureza que pediria para meu pai.

Eu estive em Brasília trabalhei com o Dep. Gerson Camata – ES, eu sei que o senhor sabe de mim, tudo começou depois que conheci o Dep. Aluizio Paraguassú e o Silvio Santos da TV, eu tenho certeza que eles são bruxos, eu sempre tive um comportamento sadio, eles são bruxos de 1º grau, eu fui ao médico, fiz tudo que é coisa, melhorei um pouco mas eu sei que a coisa não para por aí, eles atacam os que vivem comigo. Eu tenho 22 anos, como é que pode homens dessa idade e dessa natureza perturbarem crianças bem dizer [...] Eu sempre estudei trabalhei, agora não consigo nenhuma das duas.

Eu peço que junto com o Exército o Senhor tome providências, por favor.

Novamente o delírio de perseguição é óbvio. A culpa da incapacidade de Rita trabalhar ou estudar, mesmo tendo apenas 22 anos, recai sobre os “bruxos” que a atacam e também os que vivem com ela. Uma questão pode ser destacada nesse momento, ligada a um alerta que já era realizado por Freud em sua análise do Caso Schreber. Em todo delírio de perseguição, podemos perceber a presença também de um certo grau de megalomania, já que o sujeito acaba atribuindo a si uma importância exagerada para justificar a perseguição sofrida, ainda mais quando se trata de um perseguidor (ou grupo de perseguidores) que possui certa fama, como é o presente caso. Não só Rita se sentia perseguida, mas por pessoas de renome que, de alguma forma, viram nela algo de especial a ponto de direcionar seus ataques a ela.

A presença de Silvio Santos no delírio e a megalomania podem ser vistas novamente na carta enviada em julho de 1976 por Enedina, de Linhares (ES):

É com estas palavras que pesso pelo amor que o sr tem em Deus [,] agi como presidente com estas pessoas que está nos perturbando são três pessoas que falam no aparelho, falam pelo aparelho que o sr Presidente que esta com o aparelho em geral ligado.

Sr Presidente pode nos ajudar de alguma forma, a causa deste aparelho ele faz o humano esfriar esquentar esticar a barriga o sangue qualha faz desmaiar faz a comida parar no estomago faz perceber mau cheiro dos banheiros.

As pessoas que falam neste aparelho são, Silvio Santos o apresentador de programa. Sonia Maria [sobrenome e endereço omitidos]. Dr. Gilberto [sobrenome e endereço omitidos].

Este aparelho falou mal de mim nas firmas, fez a firma que eu trabalhava mandar Enedina [omitido] embora sem direito como abandono de trabalho [...]

O sr presidente prefere uma guerra no país, ao receber esta espero a resposta, do contrário vou orar até conseguir a guerra no país.

[...] Estou cansada de ouvir dizer que sou prostituta palavrões na igreja americana [...].

Dessa vez Silvio Santos aparece como uma das vozes ouvidas no “aparelho”, cujas consequências seriam físicas e sensoriais, especialmente ataques auditivos contra Enedina. Interessante também destacar o fato de a remetente ter se referido a si mesma em terceira pessoa, ao afirmar que havia sido demitida quando o aparelho falou mal dela para seu ex-empregador, o que poderia revelar uma fratura na sua imagem própria. Por fim, é aparente a megalomania na parte final, em que o apelo por ajuda se transforma em uma ameaça, a de que caso não fosse atendida ela oraria por uma guerra no país.

Finalizando esse primeiro ponto do artigo, apresentando exemplos de delírios de perseguição nas correspondências enviadas ao então presidente, general Ernesto Geisel, já foi possível vislumbrar o impacto de questões políticas, econômicas e culturais na formação dos delírios. Continuaremos a análise agora com cartas cujo conteúdo apresenta delírios de grandeza (megalomania).

Delírios de grandeza

Apesar de todas as limitações apresentadas pelo *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais* (DSM), pensamos ser possível utilizá-lo com fins de mais facilmente conceituar os delírios que podem ser apresentados. O DSM-5 afirma que, nos delírios de grandeza,

o tema central do delírio é a convicção de ter algum grande talento ou conhecimento ou de ter feito alguma descoberta importante. Menos comum, a pessoa pode ter o delírio de manter uma relação especial com alguém renomado ou de ser uma pessoa famosa (caso em que o indivíduo verdadeiro pode ser visto como impostor). Delírios grandiosos podem ter conteúdo religioso. (DSM-5, 2014, p. 91)

Entre as cartas encontradas e selecionadas em que é possível ver a presença de delírios de grandeza, a influência do momento político vivido é mais tênue, porém ainda presente, como será explanado posteriormente. A primeira correspondência que trazemos nesse sentido é de Moisés, enviada em fevereiro de 1976. Pedimos desculpas ao leitor, mas acreditamos ser importante colocar todo o conteúdo da correspondência em virtude de seu teor bastante interessante:

Venho, por meio desta, explicar a minha situação política no Brasil. Sou filho de Adolf Hitler e Eva Braun, e fui raptado na Alemanha, em 1945, por um casal de judeus poloneses, Max S. [omitimos o sobrenome] e Rosa S. esta já falecida. Seus verdadeiros nomes são Miguel S. e Raquel S. O nº da minha carteira de identidade foi modificada, de [omitimos] para [omitimos].

Desde 1964, quando descobri que era alemão, venho sendo internado frequentemente em hospitais psiquiátricos, da mesma forma como os dissidentes intelectuais da União Soviética.

Fui para a Bolívia dialogar com Klaus Altmann, que está c/ os meus documentos originais da Alemanha, entretanto, mandaram-me p/ o Peru e Argentina, por causa da pressão dos judeus do mundo inteiro sobre o governo boliviano. Possuo uma conta bancária na Suíça que corresponde aos “Tesouros do III Reich”. O governo alemão tem usado este dinheiro para indenizações de guerra aos judeus, já que fui dado como morto após a II Guerra Mundial. Inclusive o Estado de Israel tem se edificado e sustentado com este dinheiro, que pertence à Alemanha, e não a Israel.

Rogo-lhe que me consiga uma passagem de volta p/ a Alemanha e a liberação do meu passaporte.

Rogo-lhe que consiga uma bolsa de estudos de medicina p/ a Alemanha, pois somente assim a minha integração e manutenção seriam totais. Assim, poderei entrar em contato com Klaus Altmann e apresentar meus documentos à união de bancos suíços. Darei 90% do meu dinheiro ao Partido Nacional Democrata e somente assim a Alemanha voltará a ser a primeira nação do globo.

‘Moisés B. S.’ (o nome que os judeus me deram) – [Endereço omitido].

O delírio presente na carta de Moisés é peculiar. Tanto seu nome quanto sobrenome são tipicamente de origem judaica. A sua grandeza, ao contrário de gerar uma identificação com uma pessoa poderosa e bem-vista pela história, estava ligada à figura mais negativa do século XX, e que possuía como característica principal exatamente o seu virulento antissemitismo. Como dissemos desde o início, é impossível fazer uma análise baseada unicamente em uma carta, no entanto parece ser possível inferir que o ódio sentido por Moisés em relação aos seus pais ocasionou a sua identificação como filho de Adolf Hitler. A comum afirmação feita por filhos em seus romances familiares (conforme Freud em *Romance familiar do neurótico*) de que “meu pai não é, na verdade, meu pai”, ou “eu devo ser adotado”, toma aqui uma proporção bastante grande.

A construção do seu delírio também merece destaque. A ligação feita com o momento político aqui não se dá no panorama nacional, mas internacional, e demonstra que Moisés possuía conhecimento em relação a fugitivos nazistas. O homem que possuiria seus documentos e poderia lhe ajudar a ter acesso aos

“tesouros do III Reich” seria Klaus Altmann. Klaus Altmann foi o pseudônimo utilizado por Klaus Barbie, membro da SS que, em 1942, assumiu a direção da Gestapo em Lyon durante a ocupação nazista. Barbie obteve fama pela sua crueldade, a qual lhe rendeu o apelido de “açougueiro de Lyon”, e por ter assassinado Jean Moulin, proeminente membro da resistência francesa (Dabringhaus, 1984).

Após o fim da Segunda Guerra Mundial, Barbie fugiu com o auxílio do governo estadunidense, uma vez que se tornaria agente do Escritório de Serviços Estratégicos (OSS). Posteriormente, o nazista se instalou na Bolívia e passou a prestar serviços para o governo ditatorial do país. Em 1971, ou seja, cinco anos antes da carta ser escrita, Barbie foi reconhecido pelo casal Serge e Beate Klarsfeld, que tentavam localizar criminosos nazistas, o que gerou muita atenção midiática. Quando da postagem da correspondência, Barbie ainda estava na Bolívia, uma vez que sua extradição para julgamento na França somente ocorreu em 1983, quando da reinstauração da democracia na Bolívia (Dabringhaus, 1984).

É interessante perceber, dessa forma, que existe uma linha de fatos que se entremeia com o delírio, sendo ele construído ao redor de um núcleo de acontecimentos vistos na realidade. Isso pode ser visto também na sua intenção de doar 90% de sua herança para o Partido Nacional Democrático da Alemanha (NPD, que ele chama de “partido nacional democrata”), fundado em 1964 e considerado o sucessor do Partido Nacional Socialista dos Alemães (NSDAP, o partido nazista). Moisés conhecia o pseudônimo de Barbie, sua localização, sua condição de nazista de alto escalão e, com isso, teceu ao redor o seu delírio, a forma como obteria seu reconhecimento e até mesmo a destinação de sua fortuna.

Um caso aparentemente mais “tradicional” de formação de delírio é apresentado por Francisco, residente em Luziânia (GO), de quem foi possível encontrar duas correspondências. A primeira, de março de 1976, é um pedido de ajuda ao presidente:

Peço, enviar, imediatamente, um esquadrão de 10 mil soldados para Luziânia, Estado de Goiás, pois existe conspiração pondo, em perigo a vida de Napoleão 6, bem como a segurança Nacional, bem como a Organização das Nações Unidas, a qual sempre me apoiou, em todas as minhas missões Diplomáticas.

Ass. Napoleão 6.

Ass. Dom Francisco [omitimos].

A imagem do “louco” que pensa ser Napoleão é tradicional no senso comum. Na realidade, foi surpreendente encontrar as correspondências de Francisco;

caso se tratasse de apenas uma carta, poderíamos pensar, inclusive, que se tratava de alguma brincadeira. Na carta seguinte, de abril de 1978, outros fatores são somados à narrativa exposta por Francisco:

Venho, atraves desta, comunicá-lo de que meus direitos autorais, estão registrados na Academia Mundial de Letras, pela importância de Cr\$ 7.470.000.000,00 (Sete bilhões e quatrocentos e setenta milhões de cruzeiros (Saldo Positivo). Terei, residência Oficial no Setor Militar Urbano. Criei o Banco Real das Nasções, o qual vou presidí-lo, com filiais em todas as grandes capitais do Mundo e ainda, criei uma empresa de Navegação Maritima. O meu dispositivo de segurança pessoal, ou seja, o dispositivo de segurança pessoal de Napoleão, será de 1000 Oficiais do Exercito Brasileiro, bem Armados. Nada mais há a acrescentar.

Ass. Napoleão 6.

Em 3-4-1978.

Reitero meus sinceros votos de prosperidade e respeito.

Dom Francisco [omitimos].

O delírio apresentado por Francisco é do tipo grandioso ou megalomaníaco, sem sombra de dúvidas. O remetente se identifica como um novo Napoleão, sendo impossível, apenas, saber se pensava ser um descendente de Napoleão III, ou alguém que poderia reclamar para si a grandeza de Napoleão, uma vez que assinava as cartas como Napoleão 6 e também com seu nome.

Como pode ser visto, assim como os delírios de perseguição possuem em si a megalomania, nesse caso o delírio de grandeza também possui contornos de perseguição, uma vez que Napoleão 6, na primeira carta, pede dez mil soldados para parar complô contra a sua vida e a segurança nacional e, na segunda carta, informa que utilizará mil oficiais para sua proteção.

A presença da conexão do delírio com a realidade política do país pode ser vista nas nuances das breves cartas de Fernando. Na sua primeira correspondência, ele faz uma ligação entre o perigo que diz sofrer pessoalmente e a segurança nacional, motivo esse ensejador da ajuda do presidente para acabar com a conspiração denunciada. A própria alusão à segurança nacional faz denotar a maneira como a linguagem da ditadura acabava ingressando no imaginário social, uma vez que o tema da segurança nacional era recorrente nos discursos dos militares.

Na segunda carta informa que, mesmo com toda sua fortuna, a qual serviria para abrir um banco mundial, ele residiria no setor militar urbano, ou seja, em Brasília, na localidade destinada para habitação de militares, e onde estão localizados diversos órgãos do Exército, inclusive o Gabinete do Comandante

do Exército. Mesmo tendo a possibilidade de residir em qualquer lugar do mundo (por que não Paris?), Napoleão moraria entre aqueles que detinham o poder no Brasil à época, perto dos militares que poderiam protegê-lo das ameaças. Ainda fica uma questão em aberto, a qual responderemos posteriormente: por qual motivo Napoleão necessitaria informar algo e pedir ajuda ao presidente?

No mesmo sentido, encontramos a correspondência de João, residente em Goiânia, e que em janeiro de 1975 solicita ajuda do general Ernesto Geisel para uma questão bastante incomum:

Vem por veio desta, dizer ao senhor presidente da republica e do Brasil que sou o dono e fiz 63 terras no espaço, que é a que moramos, inclusivo as primeiras terras que fiz, são 21 terras que esta que moramos e que fiz, fiz também 21 planetas beres-tres e que temos no espaço, acima de nossas cabeças, e também fiz 21 estrelas terres-tres que são o resultado destes.

Deste tudos que o senhor tem nos ambros, por mais sem menos espero que o sr. Me ajuda a registrá-las nesta nação [...] Sr. Presidente, espero que o sr.me ajude a atender e ser atendido pelo tesouro da nação, que temos no brasil, sem mais, digo o meu nome, General das 63 terras no espaço que construir e moramos nelas, João [omitimos], Sr. Presidente, eu dispenso da minha parte por termos parte por termos o palácio à terra [...]

Atenciosamente

João [omitimos]

General das 63 terras no espaço que fiz e que moramos.

O delírio de João, pelo que se pode denotar a partir de sua carta confusa e com diversos erros ortográficos, gira em torno de sua condição de ser o criador do que ele denomina “terras”, planetas e estrelas. O remetente seria o dono dessas 63 terras, mas prefere ser denominado de general. Mais uma vez parece cabível inferir que atribuir a si o título de general não é um acaso, mas uma adaptação à realidade vivida, já que os generais eram aqueles que detinham o poder político, tanto na ditadura brasileira, quanto, no ano em que a carta foi redigida, em outros locais como a Espanha, que ainda tinha o Generalíssimo Franco como chefe de Estado. Ter o título de general pareceria, portanto, muito melhor do que o de simples proprietário.

Nesse ponto podemos abordar uma questão que já pode ter sido percebida pelo leitor: chama a atenção o fato de mesmo os megalomaniacos, com seus delírios de grandeza, acreditando-se herdeiros de Hitler, Napoleão, ou grandes inventores, darem-se ao trabalho de pedir auxílio, ou mesmo reconhecimento ao presidente. O próprio esforço para realizar seu pedido salta aos olhos. Ao

contrário de hoje, em que redigir um e-mail ou responder a um tuíte do presidente é algo fácil e rápido, no caso das correspondências em análise, trata-se de um processo mais demorado, trabalhoso e dispendioso, envolvendo escrever a carta à mão ou datilografada, deslocar-se a uma agência dos Correios e pagar o envio.

Acreditamos que o ponto central para responder o porquê dos apelos ao presidente encontra-se na figura do pai. O presidente parece tomar para as pessoas que apresentam os delírios aqui citados a posição do pai, mais especificamente a do pai imaginário, onipotente, capaz de realizar tudo o que quiser e, é claro, de tomar atitudes benevolentes em relação aos seus filhos.

É claro que aqui não se trata de uma massa como as descritas por Freud em *Psicologia das massas e análise do eu* (Freud, 1996c), porém, acreditamos ser inevitável colocar o presidente em uma posição de liderança, portanto comparável com o líder das massas e, nessa lógica, estabelecer a ligação entre a figura do líder e a do pai. Assim como, segundo Freud, o general é o pai para todos os seus soldados, aqui o general (presidente) é encarado pelos remetentes como um pai, a quem eles dispensam uma grande autoridade e poder, possuindo todas as qualidades necessárias seja para livrá-los de seus perseguidores, no caso dos delírios de perseguição, seja para reconhecer a sua grandiosidade nos delírios de grandeza. Esse líder também os amaria e, ao mesmo tempo, poderia ser impiedoso com seus adversários.

Atribuir a um presidente a posição de pai pode ser algo corriqueiro, não específico a esse momento. Vem à mente, por exemplo, o fato de Getúlio Vargas ter ficado conhecido como o “pai dos pobres” em virtude de suas atitudes populistas e, claro, de ações de propaganda. No mesmo sentido, é comum referir-se a um político que beneficiou alguém, direta ou indiretamente, como “um pai para nós”. A posição de Geisel, porém, é peculiar pelo fato de se tratar de um militar de alta patente que ocupa a posição de presidente após um golpe civil-militar. Para além da ideia de um pai bondoso, ele possuía de forma mais clara a posição de um pai repressivo, ao mesmo tempo e, como referido, onipotente. Futuramente pretendemos analisar também as correspondências enviadas a outros presidentes, o que permitirá uma comparação com presidentes eleitos democraticamente. No momento, podemos inferir que, diante dos delírios analisados, a figura de Geisel estava na posição paterna.

Passando-se ao fim da exposição de casos, cabe colocar dois que giram em torno do delírio de grandeza tendo por núcleo o sonho. A primeira correspondência é de João Fernandes, do Rio de Janeiro, enviada ao presidente em outubro de 1977, na qual ele conta um encontro com o presidente de forma espiritual:

Senhor Presidente

Felicidades. Transmito-lhe que isto não é uma brincadeira pois o Senhor tem falado comigo espiritualmente enquanto dorme assim como muitas outras criaturas se comunicação comigo da mesma forma. O senhor pediu uma cópia do que falou comigo e eu a mandei e estou pronto a prestar qualquer informação sobre o assunto. Desculpe a minha forma de exprimir e felicidades

João Fernandes.

Anexada à carta constam mais duas folhas, nas quais estão as descrições do que teria sido dito a João, uma delas de Iole Zambili, sobre quem não encontramos informações, e a outra do presidente Geisel, onde pode ser visto um desejo de proximidade do remetente com o general, bem como algo típico dos delírios de grandeza, a surpresa de Geisel com os poderes de João Fernandes:

Meu amigo. Como Presidente da República que sou nunca pensei que pudesse visitar outra pessoa enquanto durmo. Já vim aqui algumas vezes e tive oportunidade de ver aqui também o senhor Getúlio Vargas já falecido e fico admirado de ver como o amigo consegue isto. Quando vim aqui pelas primeiras vezes ficamos preocupado julgando que não podia encontrar condução para me retirar daqui devido à hora. Mas agora já sei que sou um espírito fora do corpo e que não preciso preocupar-me mais com isso.

Meu amigo eu também desejaria uma cópia do que digo aqui. O amigo poderia arranjar isso para mim? O senhor Rigóni está dizendo que aceita a incumbência de me entregar uma cópia e eu agradeço aos dois. Hoje tem aqui também o nosso amigo Major Eduardo e a dona Iole que já me forão apresentados pelo senhor Rigóni. Eu não lhe digo mais nada porque estou tomando muito tempo mas peço-lhe mais uma vez ofereça uma cópia do que foi dito aqui hoje.

P. Ernesto Geisel

12-10-77

Como pode ser visto, no encontro espiritual entre o remetente e o presidente, existe uma grande intimidade, já que Geisel chama João por três vezes de “amigo”. Ainda, é possível perceber que o poder de João surpreende o presidente e o coloca em uma posição de inferioridade, uma vez que não sabia da possibilidade dos encontros espirituais. Isso fica claro na medida em que, no segundo parágrafo, Geisel pediria de forma muito afável que o que havia sido dito lhe fosse remetido. Também pode-se ver que, no delírio de João, o presidente não se trata do único político que recorre a ele espiritualmente, aparecendo também a figura de Getúlio Vargas. Aparentemente, o plano espiritual no qual os

encontros acontecem, graças a João, agrega pessoas de várias origens, uma vez que, além de Geisel e Vargas, estavam presentes Iole Zambili e o major Eduardo.

A segunda correspondência, em que o fato de se tratar de um sonho aparece de forma expressa, é de Maria Eunice, de Belém do Pará, remetida em setembro de 1975:

Atendendo a um pedido que me foi feito em sonho, venho trazer ao conhecimento de Vossa Excelência o seguinte: o atual chefe das forças armadas de Portugal pretende vir brevemente ao Brasil – naturalmente sem prévio aviso – com o objetivo de jogar lá do alto, sôbre a nossa capital, uma artefato, que a destruirá...

Destruida esta, com ela desaparecerão a Presidência da República e todos os nossos Ministérios... Segundo esse triste general comunista, Portugal assim agindo, apenas estará retomando as terras conquistadas aos selvagens em 1500, o que não deixará de representar uma régia compensação para as perdas que vem sofrendo com as colônias africanas que hoje uma, amanhã outra, se tornam independentes...

Renovando as minhas saudações, aqui lhe deixo, Senhor Presidente, o aviso que me foi pedido transmitir-lhe,

Maria Eunice [omitido]

No delírio de Maria Eunice, ela recebe um aviso a ser enviado para o presidente, ou seja, possui o poder de prever o que acontecerá. Mais uma vez parece evidente o teor político do delírio. Não só cabe a ela proteger o país e o presidente, como a ameaça vem de um general português obviamente comunista, o grande adjetivo do vilão durante a ditadura militar, advindo tanto do imaginário anticomunista (Motta, 2002) quanto do imaginário da Guerra Fria e do medo da expansão comunista (Biagi, 2001). Ainda, a retomada do Brasil por Portugal seria uma reparação pelas perdas de colônias portuguesas na África, o que demonstra um acontecimento político muito importante na época em que a carta foi redigida. Em 1974 Guiné-Bissau tornou-se independente de Portugal. No ano seguinte, antes da correspondência, o mesmo aconteceu com Cabo Verde, Moçambique e São Tomé e Príncipe, enquanto Angola estava no processo de independência que foi efetivado em novembro do mesmo ano.

Novamente aparece o enredamento do delírio com a situação política nacional e internacional, um *patchwork* entre a realidade, que podia ser vista nos jornais e noticiários, e o delírio de se colocar em uma posição de grandeza e superioridade, na qual a remetente teria um poder especial que seria utilizado para auxiliar o presidente, livrando-o das ameaças. Analisados esses casos, entendemos já ser o suficiente para que seja possível passar às considerações finais.

Considerações finais

A pesquisa documental realizada não tinha por objetivo a confecção deste artigo. Na realidade, foram os documentos encontrados que levaram às hipóteses iniciais para que o texto fosse redigido, uma vez que as correspondências marcadas como excêntricas ou obscuras geraram curiosidade e permitiram denotar um possível paralelo entre o delírio e a política.

Cabe ressaltar, como já exposto, que não se tratou de diagnosticar os remetentes, o que sequer seria possível, mas sim de buscar de que forma o contexto político impactaria a construção de delírios, especificamente os de perseguição e de grandeza. Obviamente também não é possível afirmar que o contexto político de uma determinada época cria delírios ou doenças mentais, porém foi possível observar o impacto da realidade política, econômica e social na construção do delírio, construção a qual, segundo Freud, levaria em conta os fatores externos.

A constatação de Freud, tendo em vista os documentos analisados, demonstrou-se correta. Desde o momento em que os remetentes decidiram que seus casos deveriam ser comunicados ao presidente, já pode ser percebida a influência da política no delírio. Como tratou-se de uma primeira pesquisa em torno desse tema, não podemos afirmar que o fato do destinatário ser um presidente militar do período ditatorial tenha tido maior ou menor impacto. A pesquisa deixa em aberto outras possibilidades que pretendemos seguir, em especial a análise de cartas enviadas a presidentes do período democrático para comparação. Seria a posição de presidente que geraria por si só essa imagem paterna ou, tratando-se de um ditador, essa posição seria majorada?

Foi possível perceber que existe uma razão na desrazão, uma vez que boa parte das correspondências revelou que o delírio era construído ao redor de fatos e personagens políticos, bem como dos discursos políticos que elegiam os inimigos a serem combatidos e que, muitas vezes, tornavam-se os inimigos pessoais dos remetentes.

Restam, então, como registro histórico, as demandas realizadas através de cartas ao presidente, demandas essas cujo conteúdo revela uma forma de delírio em que Geisel toma parte, seja como salvador, uma vez que os militares clamavam para si esse papel, seja como alguém que precisa de ajuda para cumprir o seu papel como chefe do Executivo.

Fontes

ARQUIVO NACIONAL. Fundo Gabinete Pessoal do Presidente da República. Rio de Janeiro. Disponível em: sian.an.gov.br. Acesso em: 20 abr. 2020.

Referências

- BIAGI, Orivaldo Leme. O imaginário da Guerra Fria. *Revista de História Regional*, Florianópolis, v. 6, n. 1, p. 61-111, verão de 2001.
- CPDOC. Antônio de Pádua Chagas Freitas. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/antonio-de-padua-chagas-freitas>. Acesso em: 22 abr. 2020.
- DABRINGHAUS, Erhard. Klaus Barbie: o criminoso nazista a serviço dos órgãos de informação dos EUA. São Paulo: Clube do Livro, 1984.
- FICO, Carlos. Ditadura militar brasileira: aproximações teóricas e historiográficas. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 9, n. 20, p. 5-74, jan./abr. 2017.
- FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do ego. In: _____. *Obras completas v. 19*. Rio de Janeiro: Imago, 1996c.
- _____. Romance familiar do neurótico. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas v. 3*. Rio de Janeiro: Imago, 1996b.
- _____. Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (*dementia paranoides*). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas v. 12*. Rio de Janeiro: Imago, 1996a.
- GARCIA, Maria Lúcia Teixeira; LEAL, Fábíola Xavier; ABREU, Cassiane Cominoti. A política antidrogas brasileira: velhos dilemas. *Psicologia & Sociedade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 267-276, ago. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822008000200014&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 25 abr. 2020.
- LACAN, Jacques. Formulações sobre a causalidade psíquica (1950). In: _____. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 152-196.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5*. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- MURAT, Laure. *O homem que se achava Napoleão: por uma história política da loucura*. São Paulo: Três Estrelas, 2012.
- ROUDINESCO, Elisabeth. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

Recebido em 16/6/2020

Aprovado em 9/9/2020